

APRESENTAÇÃO

A realização deste XXXVI Congresso Brasileiro de Geologia diante da grave crise econômica que atravessamos, tornou-se um enorme desafio. Seu êxito deverá ser creditado a todos aqueles que se somaram no esforço de viabilizá-lo, através da atuação direta, da contribuição científica e técnica ou do apoio financeiro indispensável.

Este BOLETIM DE RESUMOS tem a finalidade de fornecer aos participantes, uma visão ampla da temática do evento. Nele são apresentados todos os Resumos aprovados para as Sessões Técnicas, Breves Comunicações e Sessão Poster. Apresenta um Índice Geral, organizado segundo a distribuição dos trabalhos nos seis volumes dos Anais.

Externamos mais uma vez nossos agradecimentos a todos que colaboraram para a realização deste Congresso e desejamos a todos os participantes, pleno êxito em suas atuações.

A Comissão Organizadora

DEDALUS - Acervo - IGC



30900002126

mente síncrono formaram-se extensos derrames básicos (metabasaltos com afinidades da série toleítica (KT até CAB) e ultrabásicos semelhantes aos Komatiitos basálticos afetados por decalcificação seletiva. Através de pelo menos três estágios metamórficos essas rochas foram transformadas em talcoxistos, esteatitos e serpentinitos, anfibolitos e anfibolioxistos em associação com quartzitos chérticos, material carbonatado manganífero (gonditos e queluzitos), turmalinitos e filitos grafitosos. Extenso processo de refusão parcial dos migmatitos e gnaisses conduziram a formação dos inúmeros corpos de granodioritos, mais a Norte, com datação Rb/Sr mais antiga em torno de 2.6-2.8 b.a. No início do Proterozóico a deposição em ambientes de rifteamento e "back-arc" resultaram na sequência de itabiritos, xistos e quartzitos do Supergrupo Minas. Injeção de diques básicos por volta de 1,9 b.a., transformados em metabasitos afetou o Supergrupo Minas. Extenso período de geração de granitos (tipo Santa Rita) e pegmatitos ocorrem durante 1,8 - 2,2 b.a., localizados principalmente na borda do craton, em provável zona de colisão. Em caráter mais amplo ocorreu a deposição das sequências clásticas e clasto-químicas que constituem os ciclos Tiradentes, Lenheiro, Carandaí e Andreilândia.

NOVA PROPOSTA DE EVOLUÇÃO ESTRATIGRÁFICA E TECTÔNICA PARA O MACIÇO DE PIUMHI - SW DE MINAS GERAIS

Alfonso Schrank
Francisco Robério de Abreu

Instituto de Geociências
UNICAMP - Universidade
Estadual de Campinas
Caixa Postal 6152
13081 - Campinas, SP

Em trabalhos anteriores o Maciço de Piumhi foi subdividido nos Grupos Inferior e Superior, sendo considerado, com base em datações Sm/Nd e K/Ar, como um "greenstone belt" de idade proterozóica inferior (1,84 a 1,80 Ga).

Resultados recentes de datações U/Pb em zircões e um levantamento, em escala de semi-detalhe, de feições de tectônica tangencial (lineação de estiramento, foliações S/C, etc.) levaram a uma redefinição da sequência estratigráfica previamente estabelecida e a uma nova proposta de evolução tectônica para o conjunto do Maciço.

O Grupo Ribeirão Araras, cuja seção tipo é exposta ao longo do Ribeirão homônimo, constitui parte de um "Archean Greenstone Belt", com idade de formação de 3.116 \pm 10⁻⁷ Ma (U/Pb).

O Grupo Paciência, com seção tipo na serra homônima, constitui uma sequência de "flisch". Mostra íntimas relações com o Grupo Ribeirão Araras e, embora sua idade seja ainda indeterminada, é provavelmente também arqueana.

O Grupo Lavapés, com seção tipo descrita na serra homônima, é uma unidade aloctone, transportada durante uma fase tectônica tangencial, de sul para norte, e colocada sobre os grupos anteriores. Constitui uma complexa associação que inclui meta-sedimentos, rochas básicas e ultrabásicas (ofiolitos?) e corpos graníticos, todos intensamente milonitizados. A idade mínima do Grupo Lavapés é de 635 \pm 2 Ma (U/Pb), obtida em traços de zircão. Os granitos miloníticos forneceram idade mínima de 700 Ma (U/Pb). Portanto, este grupo é uma unidade do Proterozóico superior, fazendo parte do ciclo orogênico brasileiro.

EVOLUÇÃO PRECAMBRIANA DA REGIÃO DO QUEBRA OSSO, QUADRILÁTERO FERRÍFERO, MG

J. H. D. Schorschner
I. Luchesi
N. C. M. Queiroga

G. C. Abreu
R. M. Tamura

IG/USP

A região do Quebra Osso na parte leste do Quadrilátero Ferrífero (Q.F.) compreende as partes S da quadrícula Santa Barbara, N da quadrícula Catis Altas (coordenadas 19°52'30"/20°07'30" lat. S e 43°22'30"/43°30'00" long. W) e tem uma área de cerca de 120 km². No contexto da geologia regional é de importância por expor um perfil bastante condensado e completo que foi fundamental para a reinterpretação moderna do Arqueano do Q.F. Compreende desde as rochas s.l. graníticas do domo de Santa Barbara a E, as sequências supracrustais dos grupos Quebra Osso, Nova Lima e Maquiné do cinturão de rochas verdes Rio das Velhas a W, e ainda unidades das coberturas proterozóicas dos supergrupos Minas e Espinhaço, nas Serras do Caraça e da Boa Vista. Ocorrem ainda metabasitos intrusivos em diques e corpos menores cortan-

do as unidades precambrianas mais antigas e de maior expressão regional. Sob aspectos metalogenéticos a área destaca-se pela ocorrência de mineralizações de ouro arqueanas e proterozóicas historicamente exploradas em trabalhos de superfície e subterrâneos, a exemplo da "Mina do Quebra Osso" na Serra da Boa Vista. As mineralizações precambrianas dão origem a "placers" ativos nos córregos principais da região (Quebra Osso e Tanque Preto), intermitentemente explorados por garimpeiros.

Neste trabalho foram realizadas a revisão petrogenética das rochas s.l. graníticas do domo de Santa Barbara, o detalhamento do grupo Quebra Osso ultramáfico extrusivo (de metakomatiitos) inferior do cinturão de rochas verdes arqueano Rio das Velhas e ainda revisões litoestratigráfica-estruturais da área, com base em levantamentos detalhados de campo e estudos petrográficos e geoquímicos.

O domo de Santa Barbara é composto de migmatitos polimetamórficos intrudidos por corpos menores de tonalitos, granodioritos e diques de pegmatitos. As rochas predominantes tem propriedades mineralógicas e geoquímicas de granitóides arqueanos. Os contatos com o grupo Quebra Osso são tectônicos por falha de alto ângulo, sem evidência de termometamorfismo.

O grupo Quebra Osso foi detalhado no campo na escala 1:10.000, e subdividido em derrames individuais e conjuntos de derrames ultramáficos separados por níveis de piroclásticas ultramáficas finas, de 'metacherts' ferruginosos e formações ferríferas pobres. Os tipos principais de derrames incluem os maciços, com importantes níveis peridotíticos (com teores de MgO > 40% peso e extensão regional) "spinifex", de lavas almofadadas e de lavas brechadas. Mineralógica e geoquimicamente são meta komatiitos peridotíticos e piroxeníticos. Sofreram localmente alterações hidrotermais, tais como cloritização, magnetitização, turmalinização, piritização. Os metacherts e as formações ferríferas intercaladas aos derrames apresentam anomalias geoquímicas ou mesmo mineralizações pobres de ouro. Seguem-se no perfil as seqüências vulcano-sedimentar do grupo Nova Lima e clástica do grupo Maquinê, com contatos normais. A seqüência supracrustal arqueana encontra-se inteiramente em posição invertida com calamento para E - NE.

As coberturas proterozóicas pertencem aos supergrupos Espinhaço na Serra do Caraça, e Minas em parte muito restrita do extremo S da área. A posição estratigráfica das seqüências clásticas e químicas da Serra da Boa Vista que incluem importantes mineralizações de ouro é desconhecida, sendo elas atípicas tanto para o supergrupo Minas como Espinhaço. Podem representar uma transição de fácies entre estes supergrupos.

FAIXAS GRANULÍTICAS DO BRASIL CENTRAL

Manfredo Winge
Dep^o de Geologia Geral e
Aplicada, Universidade de
Brasília - UnB - Brasília - DF

Os maciços de Canabrava, Niquelândia e Barro Alto são elevações estruturais de um cinturão granulítico (Ceres) disposto NE-SW e que continua para o sul com a faixa granulítica Itauçu-Anápolis do Cinturão Alfenas, estruturado em NW-SE. A tectônica proterozóica moldou o arcabouço crustal arqueano representado por estes cinturões e por terrenos granito-gnáissicos associados. O transporte tectônico regional, de W para E, dirigido para os cratons do Paramirim e do São Francisco, foi condicionado, nos ciclos Uruaçuano e Brasileiro, por elementos paleogeográficos e estruturais de modo a se ter vergência de NW para SE no Cinturão ao Norte e de SW para NE no Cinturão ao Sul. Na zona de interação destas vergências aparece o elemento estrutural Mega-inflexão dos Pirineus (alinhamento em EW que passa em Pirenópolis e estende-se até Brasília) e verifica-se forte vergência de Norte para Sul e estruturas com padrões de interferência. Em diversos locais a infraestrutura gnáissico-granulítica sofreu escamamentos podendo intercalar-se em fatias filonitizadas com metassedimentos proterozóicos principalmente ao longo de prováveis suturas crustais onde ocorrem, também, material talco-serpentinítico e rochas diversas como metabasitos, xistos, quartzitos e metaconglomerados de possíveis melanges. As associações litológicas da faixa granulítica, ao norte, mostram, principalmente no Complexo de Barro Alto, uma estruturação análoga à das crostas oceânicas fanerozóicas (edifícios ofiolíticos com capeamentos vulcanoquímicos) bem distinta das estruturas de maciços acamados de regiões sializadas conforme propostas que tem sido formuladas para estes maciços. Na Faixa Itauçu-Anápolis, ao sul, apesar de